



SEÇÃO: LIVRE

## Marcas e funções do sobredestinatário em gêneros textuais diversos

*Superaddressee's markers and functions in different textual genres*

*Marcas y funciones del sobredestinatario en géneros textuales distintos*

**Denise Brasil Alvarenga Aguiar<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0003-3659-3568](https://orcid.org/0000-0003-3659-3568)  
[denisebrasilaa@yahoo.com.br](mailto:denisebrasilaa@yahoo.com.br)

**Décio Rocha<sup>2</sup>**

[orcid.org/0000-0003-2342-4976](https://orcid.org/0000-0003-2342-4976)  
[rochadm@uol.com.br](mailto:rochadm@uol.com.br)

**Recebido em:** 27 nov 2022.

**Aprovado em:** 15 jun 2023

**Publicado em:** 18 ago 2023

**Resumo:** O artigo tem por objetivo oferecer uma visão do estado da arte dos estudos centrados no conceito bakhtiniano de sobredestinatário, entendido classicamente como o terceiro que garante tanto a plena compreensão do que diz o locutor, como também a possibilidade de uma compreensão em outros tempos e espaços. Dito de outro modo, o papel que cumpre o sobredestinatário é o de suprir as insuficiências do destinatário, superando a condição daquilo que se denominou "tirania do presente". É também proposta do artigo oferecer não um modelo, mas um caminho de análise que se revele produtivo para a identificação desse sobredestinatário, procedendo à sua captação nos gêneros literário (*Luciola* e *Torto arado*) e acadêmico (*blog* de Luis Carlos Freitas sobre avaliação educacional). Com efeito, o sobredestinatário tem-se mostrado um conceito inovador do quadro de participantes da interação verbal, porém tem sido pouco explorado em artigos produzidos na área. A explicitação de marcas linguísticas para a sua captação constitui um território ainda largamente inexplorado, razão pela qual escolhemos aprofundar os debates referentes à materialidade linguística em que se inscreve o sobredestinatário como aporte teórico central deste trabalho. Desse modo, baseado metodologicamente em procedimentos de análise documental de ordem linguístico-discursiva, o artigo avança na investigação de tal materialidade, contribuindo com a visualização de novas funções do sobredestinatário: para além da plena compreensão e da explicitação de grupos de pertencimento, revela-se, dentre outras, sua função enquanto processo de melhoramento do próprio destinatário, ou ainda como interlocutor crítico do que se expressa nos textos, situação na qual supera as expectativas criadas pelo próprio locutor.

**Palavras-chave:** Sobredestinatário. Gêneros discursivos. Marcas linguísticas.

**Abstract:** The paper aims to offer an overview of the state of the art of studies centered on the Bakhtinian concept of superaddressee, classically understood as the third party that guarantees both a full understanding of what the speaker says, as well as the possibility of an understanding in other times and places. In other words, the role played by the superaddressee is to supply the recipient's shortcomings, overcoming the condition of what has been called "the tyranny of the present". The article also proposes to offer not a model, but a path of analysis that proves to be productive for the identification of this superaddressee, proceeding to capture him in literary (*Luciola* and *Torto arado*) and academic genres (Luis Carlos Freitas's blog on educational assessment). Indeed, the superaddressee has been seen as an innovative concept for the group of participants in verbal interaction, but it has been little explored in researches produced in the area. Highlighting linguistic markers to capture the superaddressee constitutes a territory still largely unexplored, and that is why we chose to deepen the debates regarding the linguistic materiality in which the superaddressee is inscribed as the central theoretical contribution of this work. Thus, methodologically based on documentary analysis procedures stemming from a linguistic-discursive



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

approach, the article advances the investigation of such materiality, contributing to the visualization of new functions of the superaddressee: in addition to the full understanding and explicitation of the group to which one belongs, it reveals, among others, its function as a process of improvement of the addressee himself, or even as a critical interlocutor of what is expressed in texts, a situation in which the superaddressee exceeds the expectations created by the speaker himself.

**Keywords:** Superaddressee. Discourse genres. Linguistic markers.

**Resúmen:** Este artículo se propone ofrecer una visión del estado del arte, según los estudios que parten del concepto bakhtiniano de sobredestinatario, que, de acuerdo con la propuesta clásica bakhtiniana, es el tercero que, además de garantizar la comprensión plena del interlocutor, también certifica la posibilidad de la comprensión en otros tiempos y espacios. En otras palabras, el papel que juega el destinatario no solo suple las insuficiencias del receptor, sino que supera la condición de lo que se ha denominado "la tiranía del presente". Este trabajo se plantea, igualmente, brindar una vía de análisis que venga a ser productiva para identificar a ese destinatario y, así, plasmarlo en los géneros literarios (*Luciola y Torto arado*) y académicos (blog de Luis Carlos Freitas sobre evaluación educacional). En efecto, el sobredestinatario se ha convertido en un término innovador para los participantes de la interacción verbal, sin embargo, ha sido poco explorado en artículos. Optar por profundizar los debates sobre la materialidad lingüística en que se inscribe el sobredestinatario, como aporte teórico central en este trabajo, se debe al hecho de que la explicitación de las marcas lingüísticas con el objetivo de captar al sobredestinatario constituye un territorio aún poco explorado. Así, nos basamos metodológicamente en procedimientos de análisis documental lingüístico-discursivo para investigar la materialidad y, consecuentemente, hacer visible otras y nuevas funciones del sobredestinatario. Más allá de la comprensión plena y la explicitación de los grupos de pertenencia, se revela, entre otras funciones, su papel en cuanto al proceso de mejora del propio destinatario e incluso como interlocutor crítico de lo que los textos dicen, de modo que el sobredestinatario supera las expectativas creadas por el propio hablante.

**Palabras-clave:** Sobredestinatario. Géneros discursivos. Marcas lingüísticas

## Introdução

*"[...] sé que todo el que pelea por un ideal cualquiera [...] empuja el mundo al porvenir, y que los únicos reaccionarios son los que se encuentran bien en el presente"*  
(UNAMUNO, 1972 [1913], p. 246-247).<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Após a menção da edição consultada e, se for o caso, do número da página, acrescentamos, entre colchetes, a data da primeira edição da obra em sua língua de origem, procedimento a ser adotado em todo o artigo.

A citação de Unamuno, em epígrafe, introduz este artigo como um convite a uma contínua produção de textos que possibilitem leituras de mundo sempre renovadas. Como diz o filósofo, "os únicos (verdadeiros) reacionários são os que se sentem à vontade no presente". Com efeito, numa ótica em tudo compatível com a noção bakhtiniana de sobredestinatário, objeto de nosso estudo, a promoção de semioses infinitas garante aos enunciados um perfume sempre renovado e, por isso mesmo, disponível a novas leituras em tempos e espaços não previstos em suas formulações de origem. Por essa via se reafirma o lugar ocupado pelo sobredestinatário como dispositivo de superação de uma certa "tirania do presente"<sup>4</sup> (INNERARITY, 2009), possibilitando leituras que escapam às formas já constituídas do aqui e agora e abrindo espaço para o devir. Afinal, os enunciados "nunca terminam de dizer aquilo que tinham para dizer" (CALVINO, 1993 [1991], p. 11)<sup>5</sup>, reflexão que não invalida a noção de acabamento (conclusibilidade) dos enunciados (BAKHTIN, 1992 [1979]).

O sobredestinatário, do russo *nadadresar*, é o conceito bakhtiniano que se refere ao modo pelo qual se desenrola todo diálogo, sempre presenciado por um terceiro invisível, situado acima de todos os participantes efetivos do diálogo (BAKHTIN, 1992 [1979]). Praticar um ato de compreensão é estar dentro de um diálogo construído a três – enunciadador, destinatário, sobredestinatário: "compreender é, necessariamente, tornar-se o terceiro num diálogo" (BAKHTIN, 1992 [1979], p. 355).

De tradução variável em língua portuguesa – além de sobredestinatário, fala-se também de superdestinatário e supradestinatário –, o conceito se define metaforicamente como "ponte lançada entre mim e os outros" (BAKHTIN, 1986 [1929], p. 113), tendo em vista sua vocação responsiva. Não podendo ser entregue apenas

<sup>4</sup> Conceito formulado por Innerarity (2009) para tratar do atual regime de historicidade de nossas sociedades, marcado por um presente absolutizado que absorve o tempo futuro, impondo aos sujeitos uma "miopia temporal" que os impede de fazer projetos e de perceber realidades latentes ou antecipáveis.

<sup>5</sup> No original de Calvino (1993 [1991]), "*Un clássico è un libro che non ha mai finito di dire quel che ha da dire*".

a um destinatário imediato, cuja compreensão é sempre necessariamente parcial, “a palavra sempre vai mais longe” (BAKHTIN, 1992 [1979], p. 357). Trata-se de conceito que muito se aproxima do “Você Eterno”, de Buber (1923 *apud* FRIEDMAN, 2001, p. 28), presente

[...] sempre que um “eu” sai em busca de um finito “você”, quer se trate de um animal, uma árvore, um ser humano ou uma obra de arte. Como Buber o diz em *Eu e Você*, as linhas paralelas de relação se encontram no “Você Eterno”<sup>6</sup>.

Diz Bakhtin (1992 [1979], p. 356) que o sobredestinatário “é momento constitutivo do todo do enunciado e, numa análise mais profunda, pode ser descoberto”. Porém, pouco disse o autor acerca da natureza dessa análise. O desafio deste artigo é identificar entradas linguísticas que possibilitem sua apreensão nos textos, explicitando, por extensão, diferentes modos de atualização do sobredestinatário, considerando diferentes funções por ele exercidas. Tal diversidade deverá estar estreitamente ligada ao tipo de texto trabalhado, razão pela qual recorreremos a uma metodologia de análise documental, centrando nossa atenção em três diferentes perfis textuais como *cópus*<sup>7</sup>: o texto literário brasileiro produzido em diferentes momentos – *Lucíola*, de José de Alencar (1999 [1862]), e *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior (2019) – e o texto acadêmico de inscrição digital – *blog* de Luiz Carlos Freitas sobre avaliação educacional (2022).

### Panorama de diferentes abordagens do conceito de sobredestinatário

Conforme dito anteriormente, o sobredestinatário pode ser considerado um dos conceitos menos explorados do quadro teórico bakhtiniano. Trata-se de conceito que nada tem de metafísico,

mas que pode, contudo, assumir em dado momento perfis variados como os que se seguem:

Em diferentes épocas, graças a uma percepção variada do mundo, este superdestinatário, com sua compreensão responsiva, idealmente correta, adquire uma identidade concreta variável (Deus, a verdade absoluta, o julgamento da consciência humana imparcial, o povo, o julgamento da história, a ciência, etc) (BAKHTIN, 1992 [1979], p. 356).

Um trabalho pioneiro é o de Moirand (1988b), que, em tese de doutorado defendida em 1987 e centrada na análise do periódico *Le français dans le monde*, destinado a professores de francês como língua estrangeira, recorre ao sobredestinatário para tratar das diferentes formas de heterogeneidade recuperadas na revista. Em sua análise da pluralidade de vozes então identificada, para além dos “microuniversos” que são “representações” de quem escreve na revista a respeito de “seus leitores presumidos, da didática das línguas e de seu objeto, do lugar a ser conferido às ciências da linguagem” (MOIRAND, 1988a, p. 57), a autora retrabalha o conceito de sobredestinatário para fazer referência à voz do representante mais típico, seja do grupo ao qual se pertence, seja do grupo social ao qual se deseja pertencer, “posto que se diz o que se acredita que deva ser dito, o que se acredita que se espera de você para que você seja aceito, reconhecido, respeitado ou mesmo admirado” (MOIRAND, 1988a, p. 57). Segundo Moirand (1998a), a noção de sobredestinatário possibilita o acesso a algo como um arquétipo da consciência coletiva do domínio de referência do autor ou do domínio ao qual se pretenderia aceder, além de também permitir que se abra mão de “uma concepção muito unitária do destinatário, que tende a confundir situação de enunciação e situação de comunicação: o destinatário não é a pessoa empírica física” (MOIRAND, 2004, p. 455).

Alguns anos mais tarde, já trabalhando no campo dos discursos midiáticos, Moirand (1999) retoma sua releitura do conceito bakhtiniano, dessa vez para tratar do jornalista que, dividido entre diversos discursos que mobilizam o debate sobre tema polêmico da atualidade – organismos

<sup>6</sup> Em seu artigo, Friedman (2001) menciona a obra de Martin Buber intitulada *Ich und Du* (*Eu e Você*), de 1923, e a influência exercida pelo filósofo sobre Bakhtin.

<sup>7</sup> Tendo em vista a ampla presença de “*cópus*” no campo dos estudos da linguagem, pensamos já ser tempo de contribuir para que o termo alcance sua “cidadania” em língua portuguesa, incentivando sua dicionarização em uma única forma no singular e no plural, a exemplo de “*bônus*”. Uma rápida busca na internet da grafia “*cópus*”, com acento gráfico, indica-nos ser essa uma iniciativa apoiada por muitos.

geneticamente modificados –, não mais pode ocupar o lugar daquele que informa o grande público, nem pode desempenhar o papel de tradutor dos discursos da ciência. Tais impossibilidades se devem às contradições que a própria ciência não consegue resolver, razão pela qual deve rever a antiga imagem de um sobredestinatário que, segundo a autora, seria um arquétipo do jornalista crítico, bem informado, independente.

Clot (2005) pensa o conceito de sobredestinatário em articulação não apenas com o de destinatário, mas também com a categoria do subdestinatário, noção que o autor postula para se referir às vozes do diálogo interior. Para além das réplicas do diálogo com o destinatário imediato, ouvem-se também, segundo Clot (2005, p. 3-4), o "grande diálogo" (com o terceiro participante) e o "pequeno diálogo" (uma fala consigo mesmo).

Quer se compreenda o discurso interior como território do subdestinatário, quer como uma modalidade diferenciada do próprio sobredestinatário, o fato é que o autor explicita a complexidade do dialógico – um dialógico que não é o lugar (superficial) em que se descobre um sujeito preexistente, mas o lugar onde esse sujeito efetivamente se constitui. Tal perspectiva, já indicada por Brait (1997, p. 98), legitima o encontro do homem com o discurso: o "dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos que, por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos".

A abordagem de Mey identifica o conceito de sobredestinatário com a ideia de "Nome do Pai"<sup>8</sup> (MEY, 1999, p. 283). A aproximação dos dois conceitos se justifica se for observado que, na teoria psicanalítica de Lacan, o Nome do Pai é o elemento que permite uma compreensão do que seja a realidade. Da mesma forma que, no contexto lacaniano, é o Nome do Pai que permite que a realidade seja interpretada dentro de uma certa lógica, o sobredestinatário é visto, no quadro teórico de Bakhtin (1992 [1979]) sobre o funcionamento da linguagem, como a chave

que nos autoriza uma compreensão adequada e completa de um enunciado.

Essa mesma ideia de fiador de uma compreensão que não se prende às amarras da situação presente é reiterada por Amorim (2009a): é por meio do conceito de sobredestinatário que a obra pode ir além de seu contexto, recriando-se, desse modo, o passado e projetando-se um futuro, dimensões temporais que se interalimentam. Diz ainda Amorim (2009b, p. 4):

lo sobredestinatário remete à grande temporalidade na qual o texto é projetado. Esse conceito fala de um endereçamento que visa a alcançar um interlocutor abstrato [...] que poderá acolher o texto para além dos limites de compreensão dos interlocutores contemporâneos ao contexto em que o texto é escrito e difundido. O caráter abstrato se marca pelo uso de substantivos abstratos precedidos pelo artigo definido (a/o) que confere uma dimensão universalizante. O sobredestinatário da teoria bakhtiniana é também um destinatário ideal: aquele que seria capaz de um julgamento verdadeiramente justo sobre o texto.

Importante em Amorim (2009b) é a marca linguística indicada pela autora para a captação do sobredestinatário: substantivos abstratos precedidos pelo artigo definido. Ou ainda, no curso do debate com uma categoria de destinatários prevista pelo locutor, a menção ao que se denomina "a experiência" como um lócus de julgamento situado no futuro: "Estou inclinado a pensar desse modo, mas não sei se outras pessoas irão compartilhar de meu ponto de vista. Não sei se a experiência me dará razão" (FREUD, 1999 [1909], p. 195, *apud* AMORIM, 2009b, p. 5). O mesmo tipo de sobredestinação será situado no futuro, por intermédio da referência a um julgamento por vir: "Abandono essas questões e deixo-as para o exame e decisão de outros" (FREUD, 1999 [1909], p. 197, *apud* AMORIM, 2009b, p. 5).

O conceito de sobredestinatário é o dispositivo a que recorrem Rocha e Rocha (2004) para aprofundamento do debate relativo às políticas neoliberais que, na atualidade, invadem todos os espaços e, particularmente, a universidade. Com efeito, é o que se verifica nos critérios vigentes em programas de pós-graduação que aproximam produtividade e produtivismo, ao lado das hierarquias que se

<sup>8</sup> No original, *name of the father* e, mais tarde, *Name-of-the-Father*.

constroem sob o signo da eficiência, da excelência e da autonomia, promovendo a aceleração do tempo de formação de pós-graduandos, com a consequente redução dos prazos de defesa dos trabalhos. Os autores chegam, desse modo, à conclusão de que o terceiro com o qual vem dialogando a universidade em muito se aproxima do mesmo perfil de interlocutor que regularmente se critica por representar uma lógica hegemônica de mercado. Na busca de uma saída para o impasse criado, eis a proposta final dos autores: "Se é fato que não podemos evitar o diálogo com nossos interlocutores-destinatários representantes da lógica de mercado, não seria possível desqualificar a imagem de um sobredestinatário que guardasse esse mesmo perfil, instituindo novas bases de interlocução? (ROCHA; ROCHA, 2004, p. 34).

As contribuições advindas de investigações como essa diz muito das implicações da vida acadêmica no contemporâneo. Uma mesma ordem de conclusões é possibilitada em Rocha (2012), em pesquisa na qual o acesso ao sobredestinatário é facilitado pela articulação feita com o conceito de cenografia (MAINGUENEAU, 1989 [1987]; 2015 [2014]). Com efeito, a atitude do interlocutor frente a cenografias variadas fornece pistas bastante seguras a respeito do tipo de sobredestinatário que se pressupõe, esclarecendo-se, assim, pelo viés da responsividade da palavra, o posicionamento dos sujeitos face ao ideário neoliberal que rege boa parcela dos discursos que circulam no cotidiano da academia.

Outras pesquisas tematizam diferentes formas de interação que exibem modos variados de operacionalizar o conceito de sobredestinatário:

A título de exemplo, cito a opção de Bryzzheva (2006), que, no contexto da sala de aula, vê no sobredestinatário uma figura de apoio que assegura ao professor a pertinência de suas ações, ou ainda a posição de Midgley, Henderson e Danaher (2010), que postulam três diferentes funções dialógicas em relação à identificação de sobredestinatários em um diálogo: a evocação de um sobredestinatário, quando o falante se dirige a autoridades fisicamente ausentes; a legitimação pelo ouvinte do sobredestinatário evocado pelo falante; a escuta de sobredestinatários não explicitamente evocados pelo falante, mas que são identificados pelo ouvinte (ROCHA, 2012, p. 138).

Explorando a fragmentação do conceito de "terceiro" – ou supradestinatário, como prefere Furlanetto (2012) – e buscando uma interlocução bastante diversificada com pesquisadores que também dialogaram com Bakhtin (1992[1979]), a novidade da abordagem da autora é a aproximação do conceito de hiperenunciador formulado por Maingueneau (2006):

[...] o entendimento de supradestinatário (como "terceiro") vai desde uma instância vinculada ao ego, um duplo do enunciador, até uma instância externa, independente do enunciador (o terceiro como marca coletiva), como um conjunto de normas que é preciso seguir para a aceitação do texto (numa comunidade de discurso), entendendo-se ainda a uma forma de discurso interior, até, eventualmente, coincidir com o hiperenunciador (FURLANETTO, 2012, p. 325).

O conceito de sobredestinatário em Farmer (1997) coloca em cena o debate a respeito da verdade. Se o sobredestinatário é a instância que garante a plena compreensão de um enunciado, isso nada tem a ver com a expressão de uma verdade atemporal, produzida independentemente da experiência vivida. Nesse sentido, Farmer propõe uma diferença entre uma ética teórica, herdeira do racionalismo do século XVIII que postula uma verdade universal que sempre se repete, e uma ética da experiência em situação concreta, numa postura que valoriza o acontecimento efetivamente vivido. Essa nova concepção ética colocará em cena uma outra modalidade de verdade, produzida a partir do diálogo, em detrimento daquelas formas universais de verdade:

De uma perspectiva bakhtiniana, uma verdade dialógica deve resistir a todas aquelas outras versões de verdade que, digamos, a situam acima de nós (como ocorre na certeza teológica), fora de nós (como nas "descobertas" empíricas), dentro de nós (como nas construções românticas e psicológicas da individualidade essencial), ou atrás de nós (como na sabedoria que emana dos discursos autoritários) (FARMER, 1997, p. 90).

Segundo o autor, nenhuma dessas formas cristalizadas de verdade implica uma atitude responsiva. Uma concepção dialógica de verdade será, então, proposta por Bakhtin (1992[1979]), mantendo-se um mesmo tipo de metáfora es-

pacial, em um território que não se localiza nem acima, nem atrás de nós, mas num espaço intermediário, entre nós: "o sujeito precisa de um outro para que exista verdade"<sup>9</sup> (FARMER, 1997, p. 91).

Distingue-se então, na esteira de Farmer, por um lado, teoria (comumente compreendida em sua acepção racionalista) e, por outro, sentido de teoria, conceito que mantém afinidade com o dialógico e que o autor vai articular com a noção de sobredestinatário, visto como a encarnação desse mesmo sentido de teoria subsumido no enunciado, na vida, em relações dialógicas. Como tal, o sobredestinatário é aquele que revela uma "atitude integral (por meio da pessoa por inteiro) em referência a um valor derradeiro" (FARMER, 1997, p. 94), assim constituindo o outro – um outro alguém ou um outro lugar – pelo qual se é responsável. E "pelo fato de 'encarnar' minha 'atitude integral' em relação a um valor que considero máximo, o sobredestinatário sempre requer algo de mim" (FARMER, 1997, p. 97).

Em afinidade com as reflexões de Farmer, localiza-se em Ponzio (2015, p. 17) uma mesma concepção de verdade que se reconhece como norteadora do trabalho de Bakhtin:

É um triste equívoco, herdeiro do racionalismo, pensar que a verdade (*pravda*) possa ser apenas a verdade universal (*istina*)<sup>10</sup> feita de instantes gerais e que, por consequência, a verdade (*pravda*) de uma situação consista exatamente naquilo que nesta existe de reproduzível e permanente, reafirmando-se ainda que o que é universal e idêntico (logicamente idêntico) seja verdadeiro por princípio.

Outro ponto de contato com a abordagem de Farmer pode ser encontrado em Sobral (2011, p. 41), particularmente no que diz respeito ao duplo papel de garante e juiz exercido pelo sobredestinatário:

[...] o sobredestinatário, presença fantasmática mas não menos real, uma paradoxal entidade

que é garante e juiz do ato dos sujeitos, que o afiança e o julga ao mesmo tempo. Promessa e ameaça são a condição constitutiva de todo ato: prometo realizar um dado ato mas sempre ameaço não corresponder ao que o outro espera de mim na realização desse ato; espero que o outro cumpra a promessa implícita de me entender e temo a ameaça de que ele me entenda mal, isto é, não corresponda ao que espero dele.

O trabalho de Hollanda e Leite (2020), situado no marco das relações judiciais, tematiza a importância da petição inicial como peça processual, pois é a partir dela que terão origem todos os demais atos. Trata-se de documento que, uma vez protocolado, será distribuído para uma vara, e, no caso de comarcas com mais de uma vara, não se pode conhecer de antemão o juiz que assumirá o lugar de destinatário. O desconhecimento desse destinatário, porém, não impede que se tenha acesso a uma figura de sobredestinatário como instância constitutiva da petição inicial. No caso em tela, esse sobredestinatário é o Estado enquanto detentor da função jurisdicional.

A diversidade de imagens que se alternam na caracterização desse sobredestinatário é reveladora de sua plasticidade. Experimentemos outras nuances do conceito, tomando por base sua inscrição em um gênero discursivo e seus diferentes lugares de inscrição na materialidade linguística.

### Luciola: dispositivos de construção progressiva do sobredestinatário

O romance de José de Alencar lança mão de um recurso literário conhecido na estética romântica, que é a identificação da narrativa com o tom confessional das cartas pessoais, cuja estrutura é replicada, em maior ou menor grau, nas obras ficcionais. Em *Luciola*, logo na abertura, é exposto o fato de que o livro se originou de cartas escritas por Paulo para a senhora G.M., narrando sua história de amor com Lúcia, uma cortesã do Rio de Janeiro já falecida há alguns anos.

Em nosso exercício de busca de pistas que explicitem um sobredestinatário em *Luciola*, especialmente considerando as menções que se fazem à correspondência entre Paulo e G.M.,

<sup>9</sup> No original, *one needs an other for truth to be*.

<sup>10</sup> Recorre-se aqui à contribuição de Margarete Axt (2011, p. 52) que, no debate sobre a articulação entre pesquisa e extensão em uma ótica bakhtiniana, recupera a diferença "entre *pravda* (verdade do ser, centro de valor, no mundo real) e *istina* (verdades teóricas de natureza universal, hipoteticamente válidas para todos igualmente, verdades normatizantes de que faz uso o Direito, por exemplo, e com o que o autor não contemporiza)."

privilegiamos, na produção de nosso cóp<sup>us</sup><sup>11</sup>, o prólogo (isto é, o breve texto intitulado "Ao autor", endereçado por G.M. a Paulo logo no início do romance), o primeiro capítulo e a parte final do último capítulo, momentos em que se explicita a existência de cartas que foram reunidas no livro e em que pudemos identificar traços daquele "terceiro", que, na conceituação de Bakhtin (1992 [1979]), garantiria a compreensão mais completa possível do dito. No referido cóp<sup>us</sup>, lidaremos com Paulo, G.M. e com a memória narrada de Lúcia, como partícipes de um jogo narrativo em que G.M., destinatária original das palavras que compunham as cartas – "Estas páginas foram escritas unicamente para a senhora"(ALENCAR, 1999 [1862], p. 138) –, caminha para uma compreensão mais aprofundada do que é dito, a partir de dispositivos que levantamos a seguir.

Uma primeira indagação importante neste romance é justamente a do afrontamento entre gêneros: romance e cartas íntimas dirigidas à senhora que as transforma no livro. Trata-se de cartas pessoais endereçadas por Paulo à senhora G.M., com o objetivo de fazê-la melhor compreender uma faceta dele – sua "excessiva indulgência pelas criaturas infelizes, que escandalizam a sociedade com a ostentação do seu luxo e extravagância" (ALENCAR, 1999 [1862], p. 13), ou, ao contrário, deveríamos nos entender diante de um romance epistolar, isto é, um romance que o narrador organiza recorrendo à carta íntima como cenografia (MAINGUENEAU, 1989 [1987])? De forma mais breve, cartas que se transformam em romance ou romance produzido sob a forma de cartas? No primeiro caso, diremos que o gênero discursivo são as cartas, apresentadas cenograficamente sob forma de um romance projetado justamente pela destinatária das cartas; no segundo, o gênero discursivo é o romance, que se mostra cenograficamente travestido de cartas íntimas<sup>12</sup>.

Entendemos ser mais produtivo, para a finalidade a que se propõe este artigo – aprofundar um saber acerca do sobredestinatário –, investir na primeira composição apontada, assumindo plenamente a ficção proposta no romance: trata-se de cartas escritas a um destinatário, a senhora G.M., visando a algo como um processo de "melhoramento" seu, até que, procedendo a uma leitura mais plena dos projetos do locutor, alcance uma condição comparável à de sobredestinatário. Retomaremos o referido projeto de melhoramento desse destinatário em nossa argumentação adiante.

Logo no início da fala de Paulo a G.M., para dar uma resposta ao estranhamento de sua interlocutora diante da sua "excessiva indulgência" com cortesãs, ele mostra que havia decidido dela se afastar e enviar-lhe cartas, nas quais conta a história de sua relação com Lúcia. Essa decisão, segundo suas palavras, foi motivada sobretudo pela presença da neta de G.M., condição tratada como um "risco" que o ambiente oferecia: "a minha história seria uma profanação na atmosfera que ela purificava com os perfumes da sua inocência" (ALENCAR, 1999 [1862], p. 13).

Desde o início, o manifesto desejo de Paulo por uma compreensão plena, correlata ao lugar do sobredestinatário, expõe o caráter aberto dessa palavra que precisa seguir adiante, que não pode se esgotar no narrado por quem viveu aquela história de amor. Na sequência de suas palavras iniciais e também na parte final, em que retoma a questão da escrita, há um conjunto de escolhas feitas pelo narrador com as quais ele vai demarcando o que seria necessário para a compreensão efetiva de sua história:

(i) escolha de um interlocutor conveniente, ao evitar a "menina, flor cândida e suave que mal desabrocha" e dirigindo-se a G.M., com seus cabelos brancos, "pura e santa coroa de uma virtude que eu respeito", dotada do "tato sutil

<sup>11</sup> Sobre o trabalho de produção (e não mera coleta) de um cóp<sup>us</sup>, remetemos o leitor aos capítulos 4 e 5 de Deusdará e Rocha (2021).

<sup>12</sup> Diferentemente de romances de formato epistolar mais clássico – como *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe (1774) –, que trazem marcas do gênero explícitas (por exemplo, data de cada carta escrita ao amigo), em *Luciola* só temos as palavras de

G.M. dizendo que são cartas – o próprio Paulo as chama de "manuscrito" ao final – e aquela abertura do primeiro capítulo claramente dirigida à destinatária da carta. Isso significa que não mais temos acesso à matéria-prima (as assim denominadas "cartas"), pois o texto que nos chega já sofreu a edição de G.M. O debate coloca em cena a indissociável relação entre gêneros primários e secundários (BAKHTIN, 1992 [1979]).

e esquisito da mulher superior para julgar de uma questão de sentimento”;

(ii) escolha do canal mais adequado, ao preferir a “palavra viva, rápida e impressionável” em proveito da “pena calma e refletida”;

(iii) escolha do formato de interação mais adequado, quando, no lugar da conversa face a face com um homem, que poderia trazer “rubor” à face, prefere a leitura do texto no papel, “muda e impassível testemunha”;

(iv) escolha de um tom que deixe a “pena rir e brincar”, apesar do “coração cheio da saudade, que se sepultou nele para sempre”;

(v) escolha de uma parceria em seu projeto de produção de um texto a partir de cartas pessoais, como se percebe em “Escrevi as páginas que lhe envio, às quais a senhora dará um título e o destino que merecerem.” (ALENCAR, 1999 [1862], p.13; 137-138).

No último parágrafo do texto endereçado por Paulo a G.M., abre-se uma pista para a construção de uma nova imagem de sobredestinatário: aquele que, além da plena compreensão do que diz o locutor, é capaz de ir mais longe do que o próprio locutor na compreensão do objeto a respeito do qual se fala. Com efeito, aquilo que o locutor não é capaz de expressar com palavras, sua interlocutora deverá ser capaz de apreender por outros meios:

Há nos cabelos da pessoa que se ama não sei que fluido misterioso, que comunica com o nosso espírito. A senhora há de amar Lúcia, tenho a certeza; talvez pois aquela reliquia ainda impregnada de seiva e fragrância da criatura angélica, lhe revele o que eu não pude exprimir (ALENCAR, 1999 [1862], p. 138).

Como se percebe, G.M., como destinatária, compreenderá muito além do que é dito por Paulo. Isso a torna uma sobredestinatária que revela algum poder de invenção e de crítica – qualidades que ela alcança independentemente da insuficiência das palavras de Paulo. Tal poder se revela claramente logo no início do romance, quando o projeto do locutor, Paulo, é demovê-la de uma opinião a seu respeito. Com esse objetivo, o que faz o locutor é iniciar, no capítulo 2, o relato de sua primeira vinda ao Rio de Janeiro, quando, em companhia de um amigo, conhece Lúcia. Há um hiato entre seu projeto em relação a G.M. e a história que viveu com Lúcia. Esse hiato deverá ser preenchido pela própria GM: em que sentido

a relação com Lúcia explicaria o que parecia ser uma “excessiva indulgência” (ALENCAR, 1999 [1862], p. 13) de Paulo pelas criaturas infelizes? Um hiato que, ao final, G.M. demonstra ter preenchido, o que constitui mais uma prova de que um sobredestinatário foi finalmente produzido – um sobredestinatário de compreensão mais integral, de espírito crítico e com a possibilidade de ler para além das palavras efetivamente escritas.

Uma prova suplementar desse sobredestinatário reflexivo, capaz de “compreender para além e melhor” do que o próprio locutor, pode ser localizada em mais um gesto de G.M., a saber, o próprio nome que escolhe para o romance, *Luciola*, não deixando dúvidas a respeito de quão profundamente já compreende as razões do apreço de Paulo por Lúcia, tendo em vista a natureza metafórica da designação que escolhe: *Luciola* é “o lampiro noturno que brilha de uma luz tão viva no seio da treva e à beira dos charcos” (ALENCAR, 1999 [1862], p. 12).

Talvez aqui reencontremos também uma outra imagem de sobredestinatário a que já nos referimos anteriormente: o sobredestinatário que se coloca como integrante de um grupo ao qual se desejaria pertencer.<sup>13</sup> Trata-se, especificamente nessa obra, de um sobredestinatário que, detendo uma compreensão plena e crítica do que lhe diz o locutor, será também ela capaz de amar Lúcia e, mais ainda: lançar sua história na arena pública de leitores do livro – algo que Paulo, sozinho, não fez –, apresentando a obra já com a síntese de um juízo por ela formulado, que o locutor também não lhe forneceu. Há várias marcas, na carta de G.M. “Ao autor”, que mostram não apenas a compreensão almejada por Paulo, mas também movimentos que vão além disso: a busca de aliança com uma imagem cristã; a categorização da obra (“não tem pretensões a vestal”); a referência irônica ao fato de que as mulheres, as quais, aos olhos da sociedade conservadora, deveriam ser poupadas de histórias de prostitutas, são majoritariamente alijadas da leitura no Brasil (as “poucas mulheres que

<sup>13</sup> Mais especificamente, uma das imagens de sobredestinatário mencionada por Moirand (2004).

leem neste país"); o enfrentamento direto com adversários previsíveis que, com sua hipocrisia social, celebram uma virtude de fachada ("Deixe que raivem os moralistas"). São elementos que nos parecem configurar uma busca, também empreendida por ela, de destinatários ideais (ALENCAR, 1999 [1862], p. 12).

Assim, o horizonte mais acabado da compreensão, imaginado por Paulo quando afiança que ela amarará Lúcia, parece não só ter sido atingido, como também, de certa forma, ultrapassado. Paulo tenta construir condições para fazer de G.M. um sobredestinatário, aquele que, de acordo com uma das nuances do conceito, é capaz de garantir uma compreensão mais plena do que diz o locutor, o que corresponde ao processo de melhoramento do destinatário a que nos referimos anteriormente. Um destinatário e um sobredestinatário que se construirão a distância, pela escrita (e não por um diálogo presencial), o que faz de G.M., como projeto de sobredestinatário, uma construção em segundo grau (em primeiro grau, ela é a destinatária das cartas). Todo esse movimento depreendido em relação a G.M. nos parece constituir, no plano da construção ficcional, algo correlato ao que aponta Bakhtin (1992 [1979], p. 356) acerca da natureza da palavra, "que sempre quer ser ouvida, busca a compreensão responsiva, não se detém numa compreensão que se efetua no imediato e impele sempre mais adiante (de um modo ilimitado)".

### Torto arado: a compreensão na cena coletiva

Em *Torto arado*, a composição narrativa é assumidamente fragmentária em seu plano estrutural, no qual interagem três diferentes narradores: as irmãs Bibiana e Belonisia, e o narrador metafísico da última parte. Preliminarmente, importa dizer que, na construção do romance, além dessas vozes narrativas, se entrecruzam tempos e memórias de diversos personagens, em uma terra intensamente marcada pelas desigualdades estruturais da sociedade brasileira, pelo poder do latifúndio, pela exploração brutal dos trabalhadores rurais, pelo racismo e pela violência

presente naquele e em outros espaços, em que cotidianamente se massacra, de variadas formas, a população negra e pobre. De saída, existe a tematização do silenciamento, fisicamente imposto a uma das irmãs que tem a língua cortada por um acidente doméstico, fato que, por outro lado, vai permitir uma forma de comunicação singular entre Belonisia e Bibiana, narradoras das duas primeiras partes do livro. Da terceira parte, selecionamos o capítulo 5, em que vários dos fios da narrativa se encontram, permitindo nos acercar melhor da própria arquitetura do texto e levantar elementos para a discussão específica que estamos propondo aqui. Se a multiplicidade de vozes narrativas ou locutores pode, à primeira vista, tornar mais fugidia a questão do sobredestinatário, é fato também que ela possibilita um quadro mais completo dessa realidade que se apreende aos poucos.

Diante desse tipo de construção, a busca do sobredestinatário envolve um exercício de múltipla interpretação/invenção, visto que a própria compreensão da obra já exige uma operação de recomposição e combinação de elementos que se entrecruzam no conjunto do texto. Então, destacamos fragmentos do capítulo 5 da terceira parte do romance, pelo que ele representa na narrativa, pela interação entre locutores das partes anteriores e por uma certa compreensão nossa do que poderia ser o destinatário naquele contexto. Tais fragmentos, organizados em função do tema explorado, nos parecem exemplares de uma possível conceituação.

Como um dos eixos de construção do romance, as experiências vividas e a forma de comunicação entre as irmãs Bibiana e Belonisia produzem um "nós" que, no interior da narrativa, aponta para uma relação de compreensão mútua plena, o que difere dos outros destinatários presentes no decorrer de suas interações na história narrada. Tolhida de sua capacidade física de dizer as palavras, Belonisia, em princípio, se apoia na construção de Bibiana como destinatária ideal, a qual comunicava ao mundo, em palavras ditas, o que a irmã precisava. Porém, tal relação de dependência, assimétrica por natureza, não

se fecha nessa condição inicial. Aliás, o próprio plano macroestrutural da obra contraria qualquer visão mais simplista sobre isso, quando distribui igualmente a responsabilidade pela palavra narrativa, com cada uma das irmãs sendo narradora de uma das partes do livro. No curso da vida das duas irmãs, constrói-se um plano de compreensão mútua que se pode apreender no capítulo escolhido, em que parece bem marcado o fato de, no mesmo nível, elas se constituírem como sobredestinatárias uma da outra, como demonstram as passagens a seguir: "[Belonísia] se sentia, mais do que nunca, unida pelo que parecia ser um destino inevitável"; "[entre Bibiana e Belonísia] não era mais preciso nenhuma comunicação visível, seja pela troca de olhares ou pela leitura dos gestos"; "o quanto [Bibiana e Belonísia] estavam ajustadas em suas compreensões"; "[Belonísia] se referia à irmã, a sua voz no mundo onde se movimentava em silêncio"; "consolidou de forma vigorosa e sem retorno o elo entre as duas" (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 217-218).

Configura-se, assim, um "nós", alimentado pela condição recíproca de sobredestinatário de Bibiana e Belonísia, que também produz sentidos na obra, aliando-se a outros elementos de sua construção. Ainda neste capítulo, ao cuspir diante do opressor, Belonísia demonstra um movimento de buscar pertencer a uma coletividade que o enfrenta, que mira a liberdade de um "nós" com direitos. Então, ela participa desse rumo de Bibiana, que se demonstrará a seguir, não mais apenas como quem é compreendida e "traduzida" pela outra, mas como quem expressa um pertencimento e age em conformidade com isso, enfrentando a seu modo, mesmo sem palavras, o fazendeiro Salomão: ela o encara, com "brilho vivo, encantado", que o faz "sentir um arrepio", contorna a sombra dele e "escarra sobre ela o veneno que carregava na boca" (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 222).

Na seara dessa produção de sentido que se faz coletivamente, a atitude de Belonísia se alinha com o papel que Bibiana vai assumindo, quando toma a decisão de falar, como uma necessidade que se impunha no enfrentamento de sua opressão histórica, partilhada pelos outros de sua

comunidade de trabalhadores explorados. É uma produção de sentidos que se faz coletivamente, em uma construção histórica em que se resgata o passado, age no presente e projeta um futuro de libertação. Sua figura como locutora que carrega a função de dar voz aos silenciados – não apenas fisicamente como a irmã, mas também socialmente, como todos ali – configura-se à medida que ela fala, pelas manifestações de apoio dos seus pares e pela sinalização de desagrado daquele a quem se opõe. Trata-se de algo que já não é, nem pode ser mais, apenas o "nós" construído antes com Belonísia.

É significativo o apontamento de que a força-motriz inicial da fala de Bibiana é a disputa pela memória do marido, Severo. Ela prevê, indignada, um sentido suplantando outros e cristalizando uma forma específica de memória como única versão, a oficial: "Querem desonrar Severo, porque desonrando seu nome enfraquecem nossa luta. [...] Querem nos calar, nos retirar daqui a qualquer custo. Querem nos dobrar, mas não vergaremos". A compreensão que ela espera obter, quando resolve falar e defender o legado de Severo, ultrapassa aquela cena presente da reunião entre trabalhadores: ela se projeta no tempo para outro tipo de destinatário, que haverá de ter uma referência de luta, aliando-se a uma comunidade dos que enxergam a opressão e a esta se opõem. Ela começa pensando nos filhos, ainda no círculo familiar, explicitamente se referindo a um legado e a uma ação futura: "E seus filhos? Como viveriam com a imagem vilipendiada do pai? Não permitiria que seu legado fosse despedaçado pela história que as autoridades queriam contar"; "E, sabendo por mim, poderão defendê-lo com os mesmos argumentos" (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 217-221).

Essa projeção futura, ancorada na compreensão em disputa sobre o passado, na recusa à domesticação imposta pelas instituições mantenedoras da desigualdade e da violência, não se atém aos familiares. O papel de Severo naquela comunidade, já seria maior do que isso. Ele participa de um "nós" que se institui com vistas à superação daquela condição que a todos oprimia, construindo um sentido que há de ser apreendido para além

daquele tempo e daquele espaço: "Essa semente que Severo plantou por nossa liberdade e por nossos direitos não irá morrer. [...] Foi embora um fruto, mas a árvore ficou. E suas raízes são muito fundas para tentarem arrancar"; "Mas não irão nos dobrar. Não deixaremos Água Negra"; "Quem fez isso com Severo irá pagar. A justiça dos homens pode até falhar, mas da de Deus ninguém escapa" (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 221-222).

É interessante notar como o dueto entre "nossa liberdade" e "nossos direitos" (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 221) responde, no texto, à indagação sobre a liberdade, feita por Bibiana. Vista como semente, portanto dotada de potencial futuro, é indissociável de uma compreensão do passado, feita em marcos distintos de uma certa história oficial, aquela emanada pelos donos do poder e sempre encarregada do apagamento das contradições sociais e políticas da sociedade da época. É na contraposição a todo um histórico de silenciamentos e exploração, no acréscimo de uma perspectiva de direitos, até então ausente de uma conveniente ideia de liberdade tomada como algo que se encerra em si mesma, que podem ser lidas as ações de Severo e, depois, as de Bibiana. É essa combinação inteira que deve ser apreendida pelo sobredestinatário, mesmo em tempos e espaços distintos:

Desde os dez mil escravos que o coronel Horácio de Matos usou para encontrar diamante e guerrear com seus inimigos. Quando deram a liberdade aos negros, nosso abandono continuou. O povo vagou de terra em terra pedindo abrigo, passando fome, se sujeitando a trabalhar por nada. Se sujeitando a trabalhar por morada. A mesma escravidão de antes fantasiada de liberdade. Mas que liberdade? Não podíamos construir casa de alvenaria não podíamos botar a roça que queríamos. Levavam o que podiam do nosso trabalho. Trabalhávamos de domingo a domingo sem receber um centavo (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 220).

Ressalte-se também o modo como se constrói o grupo de aliados. Voltando-se para o passado, a fim de relembrar os tempos do coronel Horácio de Matos e a experiência da fazenda Caxangá, são colocados em cena muitos dos que deram suas vidas por uma luta que ainda não tinha contornos nítidos, ou seja, recupera-se a experiência de

quem viveu sem uma plena consciência de quão ampla e dura era a luta que empreendiam então. Ao se passar a uma projeção do futuro, pode-se antever o momento em que todos estarão unidos, cientes dos muitos séculos de exploração que é preciso finalmente superar. Uma comunidade que se estende pela aliança entre os que estão aqui e agora, os que já se foram e os que ainda virão.

A produção desse "nós" também implica demarcar a fronteira em relação aos que estão fora desse nós, isto é, a fronteira com os adversários que será preciso combater, em suas variadas formas de oprimir. É o caso da fala cínica de Salomão, com sua função de repetir a farsa, para mandar um recado de silêncio e conformismo, envolto em um tom protocolar e em reiteradas marcas de isenção: "Sinto muito pela morte de seu marido. Estava fora, mas os empregados me avisaram"; "O inquérito, pelo que fui informado, foi concluído" (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 222). Também a reação do fazendeiro, batendo a bota no chão, pela primeira vez incomodado em seu lugar de dono do poder, permite ao sobredestinatário vislumbrar o caminho da ruptura, para além do medo que, naquela cena, se tenta impor aos participantes da reunião. Ainda que estes não consigam avançar muito, pelas condições objetivas de que dispõem naquele tempo e naquele espaço, a fala de Bibiana há de se completar nesse outro, no sobredestinatário do romance que poderá levá-la adiante.

Por fim, outro dado que nos parece relevante é a maneira como Bibiana se constrói como locutora. Em uma dinâmica processual, que pode ser lida como uma sinalização do que é preciso para levar aquelas palavras e os sentidos que instituem adiante, ela inicia um movimento para que a morte de Severo, que é um término, seja produtora de um começo urgente, não só para ela, Bibiana, que assume a titularidade da fala naquele momento, mas também para outros, com quem se produz coletivamente como sujeito. A partir da condição de quem cresceu imersa nas tradições partilhadas por aquela comunidade, ela vai angariando apoios que, mais do que meras adesões ao dito por ela, fortalecem o ato de dizer, legitimam seu lugar de locutora não apenas de suas dores pessoais e fa-

miliares, mas também das dores de todo um povo oprimido. Sua fala vai ganhando força à medida também que se manifesta o apoio da audiência de seus pares, seus aplausos e suas falas, cena da qual também participa, em direção contrária, a reação do fazendeiro, que tenta sugerir silenciamento: "sua segurança cresceu quando iniciou o discurso. Subitamente o tremor deu lugar a uma voz forte, segura, que foi persuadindo os presentes"; "[Bibiana] recuperando o fôlego consumido por suas lembranças. Consumido pela responsabilidade de se apresentar para defender o que restava da dignidade de seu povo"; "Logo outras vozes [...] foram se somando ao discurso de Bibiana"; "ao mesmo tempo que inflamava as falas dos parentes e vizinhos, ou dos que tinham sido seus alunos"; "Irrromperam aplausos e coro para reafirmar o que Bibiana havia dito" (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 219-222).

É nesse jogo, de necessária aliança e incontornável contraposição, que se produzem sentidos fundamentais para aquele contexto e para além dele. Desse modo, parece-nos que se configura um caminho para o sobredestinatário como aquele que será capaz de compreender também a dimensão coletiva da sua constituição como sujeito da transformação. Em um romance cuja estrutura se parte em mais de um narrador, em que se entrecruzam fios de memória em um Brasil desigual, este parece, de fato, um caminho importante para a compreensão.

### O sobredestinatário em texto de blog acadêmico

O texto de Luiz Carlos de Freitas (2022), intitulado "Anotações sobre a conjuntura e a política educacional" e publicado em seu *blog* sobre avaliação educacional, constrói uma análise sobre diversos aspectos das políticas neoliberais na educação brasileira, abarcando reflexões sobre a crise do capital e seus aspectos econômicos, sobre a formação docente e sobre projetos educacionais que vêm sendo implementados, repletos de tecnicismo digital, meritocracia e outras formas de excluir, de negar à maioria da população uma educação de qualidade. Escolhemos a última das três partes em que o autor divide o texto, porque

ela concentra o ápice do debate que vinha sendo construído e porque, estruturalmente, aí identificamos um dispositivo que, de natureza diversa dos textos que trabalhamos até aqui, parece-nos abrir um novo caminho em direção ao sobredestinatário.

Após leitura do texto de Freitas (2022), cuja tônica reside em redefinir o que seja educação com qualidade social, adotou-se o seguinte procedimento para a captação de uma imagem de sobredestinatário: se o sobredestinatário é aquele que garante uma compreensão mais plena da palavra do locutor, então um caminho possível seria a apreensão daquilo que o destinatário não pode assegurar como leitura adequada do dito.

Logo de início, há uma demarcação nítida entre *nós* e *eles* (os neoliberais), conforme se percebe por meio do emprego de *delimitar*: "Preliminarmente, para aclarar nossa posição, é importante *delimitar* que [...] entendemos ser pouco definir qualidade social a partir de um debate focado apenas no reconhecimento/acolhimento do outro.". Para além da referida delimitação de ordem genérica entre nós e os neoliberais, um cuidado especial do locutor residiria em afastar os equívocos de compreensão do destinatário, os quais poderão ser apreendidos em enunciados como o que se segue: "a educação **não** ocorre em um vácuo social" (FREITAS, 2022).

No trecho citado, trabalhamos com o índice de uma compreensão inadequada, de natureza negativa: o advérbio de negação *não*. Com efeito, o item *não* expressa algo como uma advertência do locutor: no trecho transcrito, abre-se a possibilidade de alguém pensar que a formação do magistério possa se dar em um vácuo social. Percebe-se uma compreensão não apenas parcial, mas errônea em relação ao que defende o locutor. Nesse sentido, com base no conceito de negação polêmica (DUCROT, 1987 [1984]), entendemos que a compreensão inadequada do dito poderia ser atribuída a um enunciador que sustentasse um ponto de vista afirmativo subjacente ao enunciado negativo destacado<sup>14</sup>.

<sup>14</sup> Em toda a análise a que procedemos neste tópico, o termo *enunciado* deve ser tomado no contexto das reflexões de Ducrot (1987 [1984]), e não em sua acepção bakhtiniana.

Assim, em "a educação não ocorre em um vácuo social", teríamos o ponto de vista subjacente afirmativo "a educação ocorre em um vácuo social". O referido ponto de vista afirmativo seria, então, atribuído a um "destinatário equivocado", ou seja, a uma posição de destinatário potencial vislumbrada pelo locutor (FREITAS, 2022). Por extensão, a perspectiva oposta a esse destinatário equivocado corresponderia à encenação de um sobredestinatário, aquele que garantiria a compreensão necessária e justa do dito pelo locutor.

Acrescentemos uma justificativa para nossa opção de buscar uma imagem de sobredestinatário por intermédio de enunciados que apresentavam a compleição polêmica garantida pela marca de negação. Se o fizemos, é porque o locutor recorre a uma dupla escolha na construção de seu texto: lançar mão de enunciados afirmativos e de enunciados negativos. Os enunciados afirmativos, em princípio, não carregam consigo nenhum foco de polêmica, mas apenas asseveram algo. Já os negativos deixam a marca de uma contestação, ou uma recusa, quando afastam aquilo que estaria fora do escopo do dito. Tudo se passa como se o locutor dissesse: "x não é isso, mas aquilo!". Ou ainda: "x não é isso, como alguns poderiam imaginar, mas aquilo!". Ao instituir a polêmica, o locutor levanta a possibilidade de uma eventual incompreensão acerca do que diz, afastando-a o mais rapidamente possível, de modo a garantir aquilo que deseja como leitura de seu dito. Por essa razão, os enunciados negativos (polêmicos) iluminam os "pontos de fragilidade interpretativa" de um texto, colocando em cena a boa compreensão que corresponde à leitura realizada pelo sobredestinatário bakhtiniano.

Tendo em vista a finalidade de nosso artigo, consideramos suficiente buscar a presença do destinatário equivocado – e, conseqüentemente, do sobredestinatário – na 3a. e última parte do texto de Freitas (2022), quando o autor chega ao que pode ser considerado seu objetivo central: indicar o que vem a ser "qualidade social" no contexto educacional. Foram selecionados os trechos em que figurava o item lexical indicado (*não*), que trazia alguma luz para a compreensão do que o

locutor considerava inadequado; em seguida, explicitou-se a leitura feita por esse enunciador equivocado. Esclareça-se desde já que não nos referimos aqui necessariamente a nenhum compromisso desse locutor em responder a quaisquer enganos localizados nos polêmicos debates do campo educacional, o que não significa desconsiderar um projeto estratégico na produção de textos por parte do locutor, mas apenas que tal projeto acaba não entrando em questão nesse tipo de análise do discurso que aqui experimentamos. O que certamente pode ser dito é que o locutor tem alguma condição de avaliar onde residem as resistências, as dificuldades de compreensão daquilo que ele diz e, então, pontua esses momentos, trazendo um destinatário virtual que ele, de certo modo, antecipa. Tais antecipações poderiam mesmo ser consideradas como efeitos das formações imaginárias conceituadas por Pêcheux (1969), tendo em vista a imagem que esse locutor faz da imagem que seu interlocutor tem acerca do tema em questão.

Segue parte dos enunciados localizados no texto que comportam a marca de negação e que dão prova de uma compreensão errônea do que diz o locutor - enunciados (i) e (ii); nos enunciados (iii) e (iv), temos ocorrências de uma compreensão parcial ou insuficiente, a ser retificada pelo sobredestinatário. Passemos à leitura desses enunciados:

(i) "[...] a educação não ocorre em um vácuo social".

Enunciador equivocado: a educação ocorre em um vácuo social.

(ii) "Não haverá qualidade social sob o capital".

Enunciador equivocado: haverá qualidade social sob o capital.

(iii) "[...] entendemos ser pouco definir qualidade social a partir de um debate focado apenas no reconhecimento/acolhimento do outro".

Enunciador equivocado: é suficiente definir qualidade social a partir de um debate focado apenas no reconhecimento/acolhimento do outro.

(iv) "É preciso ir além disso. Estas teses, sem sua inserção crítica na lógica perversa do capital, serão presas fáceis do que Fraser chama de 'neoliberalismo progressista'".

Enunciador equivocado: Basta considerar isso. Estas teses não precisam ser pensadas segundo a lógica do capital.

Uma outra marca que conduz à captação do sobredestinatário em nosso cópulo é a presença de pressupostos, com se verá em (v) e (vi):

(v) "Portanto, falar em qualidade social mais humana sem identificar a origem da desumanidade nas próprias relações sociais capitalistas, não indica qual o alvo de luta e nem as formas de luta".

O enunciador equivocado não compartilha dois pressupostos do locutor: é preciso identificar a origem da desumanidade nas relações sociais capitalistas; é importante indicar o alvo e as formas de luta.

(vi) "Pelas Bases Nacionais Curriculares do Conselho Nacional de Educação, foi determinado detalhadamente o que deve ser ensinado para que não se corra o risco de ensinar mais do que as classes dominantes precisam para gerenciar seus interesses. E para completar a tarefa, foi determinado também como deve ser a formação do magistério, para que não se corra o risco de que este venha a ser mais bem formado do que precisaria ser e acabe indo além do que se espera dele".

Para o enunciador equivocado, ensinar mais do que as classes dominantes precisam para gerenciar seus interesses é um risco. É preciso pôr limites ao que se ensina às classes populares e também à formação de professores, pois professores não devem ser mais bem formados do que o necessário. Lidamos aqui com pressupostos que incluem, no perfil do enunciador equivocado, certas políticas públicas, uma vez que tais políticas ganham forma em enunciados efetivamente produzidos, ainda que de forma dissimulada – enunciados de leis e outros documentos, em debates públicos etc.

Diferentemente dos enunciados acima elencados, que se recuperam por meio de implícitos (seja um ponto de vista afirmativo subjacente, seja um pressuposto), temos uma ocorrência do dito explícito desse destinatário, manifestado em discurso relatado sob a forma indireta: *alguém dirá que isso* [todas as análises feitas pelo locutor] não acontece linearmente, que haverá resistência e que

isso é muito negativista. Esse alguém cuja voz é recuperada pelo locutor não é outro senão o próprio destinatário que, ratificando seu posicionamento, dirá que nada do que fora dito pelo locutor acontece linearmente, que tudo aquilo geraria resistência etc. Mais um equívoco desse destinatário, a ser superado pela leitura do sobredestinatário.

Antes de passarmos a uma síntese da imagem de sobredestinatário construída com o auxílio do material até aqui analisado, transcrevemos dois outros trechos que contribuem para tal fim: "Pensamos que defender uma educação com qualidade social em nosso tempo é ter como horizonte a construção de um novo padrão sociopolítico que mobilize a sociedade em direção a uma sociedade pós-capital". O duplo convite lançado por Freitas (2022) – defesa de uma educação com qualidade social e construção de um novo padrão sócio-político que conduza a uma sociedade pós-capital – pode ser pensado em sua afinidade com a "qualidade social que prepara as lutas por uma sociedade de outro tipo, [...] e ensaiam novas relações sociais superadoras da era do capital", na medida em que o que se espera é que estejam reunidas as condições para "preparar lutadores e construtores de um futuro alternativo para a humanidade". Como diz o locutor em registro modalizado, "É preciso que nos preparemos e não que nos acalmemos a partir de visões abstratas e utópicas [em relação ao que se vive hoje na escola]". Um resultado que só se alcançará por meio de uma aliança marcada pelo "nós" que reúne locutor e sobredestinatário.

Uma última marca linguística indicativa da presença de um sobredestinatário pode ser localizada nas perguntas formuladas pelo locutor, como se verifica no trecho a seguir:

É isso [conjunto de ações que preparam as lutas para a superação de uma sociedade neoliberal] que queremos dizer quando afirmamos que uma discussão sobre as finalidades da educação envolve sempre decisões políticas. Para que queremos formar a juventude? Para se adaptar bem às relações sociais vigentes, ou para superá-las? Se para superá-las, em que direção? Quais relações sociais permitem a superação da desumanização imposta pela era do capital? (FREITAS, 2022).

Excetuadas as duas primeiras perguntas, que nos parecem configurar um caso de perguntas retóricas, na medida em que o caminho que se busca construir é certamente o da superação das relações sociais vigentes, entendemos que as duas últimas concentram o desafio lançado pelo locutor – um desafio que, para além das possíveis hesitações de um destinatário imediato, será sobredestinado a quem possa oferecer uma compreensão adequada da argumentação desenvolvida.

Considerando, desse modo, as “advertências” deixadas pelo locutor nesta 3ª parte do texto, podemos assim definir o perfil de sobredestinatário do texto analisado: o sobredestinatário é aquele que saberá que a crise do capital não deve ser relativizada. Em seu bojo, a Educação deverá ser pensada em estreita relação com a sociedade e, para definir essa dimensão social, não basta reconhecer o outro, pois até as práticas neoliberais já incorporaram essa ideia de outro. Resignificar o social não poderá, desse modo, consistir apenas em inverter o sentido das práticas neoliberais; antes, será preciso subverter a lógica perversa do capital, incompatível com a ideia de humanidade e com uma concepção de social que, para ser aceitável, não poderá ser neutra. O conhecimento não poderá ser sonogado aos oprimidos e a ciência não deverá ser desqualificada. Não poderá haver limites ao que se ensina aos oprimidos, nem ao que se concebe como formação de professores. A luta a ser necessariamente travada não é exatamente um desejo, mas uma contingência, e será preciso ter uma ideia clara de quais sejam seus alvos e as formas que deverá assumir. Em breve síntese, assim se define o que pode ser considerado não como uma atitude negativista do sobredestinatário, mas como um gesto de otimismo seu – um gesto produtor de uma nova qualidade de social que deverá despontar num futuro o mais próximo possível.

### (In)conclusões

Nossa incursão na investigação de um cópula tripartite possibilitou entendimentos variados do conceito de sobredestinatário: (i) aquele que garante a compreensão mais completa possível

do dito; (ii) aquele que faz parte do grupo ao qual se desejaria pertencer; (iii) aquele que dá provas de que o sentido se produz coletivamente; (iv) aquele que garante ser possível extrair um sentido do dito quando esse dito se desloca para outros tempos / espaços; (v) aquele que se constrói como leitor crítico, situado para além do locutor.

A referida dispersão de sentidos para sobredestinatário resultou da explicitação de marcas linguísticas que denunciavam sua presença nos enunciados. Assim, em *Lucíola*, atesta-se um sobredestinatário que se inscreve nas seguintes modalidades: (i) como processo de melhoramento do próprio destinatário, que, em interlocução, vai sendo preparado como detentor de uma compreensão mais plena; (ii) como construção de uma leitura crítica do dito, indo mesmo além do que diz/sabe o locutor narrador.

Em *Torto arado*, o sobredestinatário se deixa entrever nos seguintes traços: (iii) como construção de um “nós” que assegura o pleno entendimento de dois personagens, como no caso do encontro de Bibiana e Belonísia; (iv) como multiplicidade de vozes, procedimento que, se, por um lado, torna mais fugidia uma imagem da realidade, por outro, também dela oferece um quadro mais completo – complexidade da tarefa a ser empreendida pelo sobredestinatário, cuja compreensão mais plena da realidade está na dependência de um dispositivo polifônico capaz de reunir diferentes perspectivas; (v) como produção de um “nós” que, estendendo-se para além dos presentes, ocupa um lugar de ruptura na história: diálogo com um passado de exploração e antevisão de um futuro de subversão, de libertação; (vi) pelas marcas lexicais que indicam grupo ideológico de pertencimento do narrador ou grupo ao qual ele desejaria pertencer, no combate contra o poder que se repete em dada estrutura social, como é o caso da aliança entre Zeca, Severo e, posteriormente, Bibiana; em outras palavras, o sobredestinatário como possibilidade de acesso ao arquétipo de uma consciência coletiva do domínio de referência do autor ou do domínio ao qual ele pretenderia ter acesso, situação na qual se poderia falar de uma aproximação entre sobredestinatário e forma-sujeito (conceito de Althusser (1980), reto-

mado poroux (1988 [1975], p. 183), para indicar “a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais”.

Na seção “O que significa ter a qualidade social como finalidade da educação?”, do texto de Freitas (2022), pudemos depreender a inscrição do sobredestinatário nas seguintes marcas linguístico-discursivas: (vii) como o avesso de pontos de vista afirmativos subjacentes a enunciados negativos desqualificados pelo locutor; (viii) como pressupostos, indicativos de um certo saber do locutor que não se explicita, mas que deve ser compartilhado para uma plena compreensão do dito; (ix) como aquele que preenche as lacunas de argumentos tidos como insuficientes pelo locutor, indicativos de uma visão parcial do enunciatador equivocado acerca do ocorrido, a ser superada para uma compreensão plena do dito; (x) como aquele que cumpre o determinado por modalizadores empregados pelo locutor (“é preciso que”), os quais apontam para uma realidade futura cuja concretização dependerá de quem é capaz de subscrever as mesmas urgências manifestadas pelo locutor; (xi) como um “nós” que coincide com uma posição discursiva a ser compartilhada com o locutor; (xii) como aquele que é capaz de responder a questões que requerem reflexão, projetando uma sociedade futura que, distanciada dos moldes neoliberais, se deseja construir.

Sem o “sentido de teoria” (FARMER, 1997, p. 99) representado pelo sobredestinatário – esse terceiro que nos permite fugir da tirania do presente, garantindo uma escuta justa e integral de nossos enunciados –, não teríamos condições de “dizer a vida”. Tal constatação nos faz de imediato pressentir que, em detrimento das formas mais estabilizadas, constituídas no presente, o sobredestinatário tem muito a ver com a produção de forças de ordem micropolítica que, escapando à tirania do presente, promovem o devir.

## Referências

- ALENCAR, José de. *Luciola*. São Paulo: FTD, 1999 [1862].
- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos de estado*. Tradução: Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Presença; Martins Fontes, 1980.
- AMORIM, Marília. Memória do objeto: uma transposição bakhtiniana e algumas questões para a educação. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 8-22, 2009a. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/bakhtiniana/article/download/2993/1927>. Acesso em: 17 jul. 2023.
- AMORIM, Marília. Freud e a escrita de pesquisa: uma leitura bakhtiniana. *Eutomia*, Recife, v. 1, n. 4, p. 1-19, 2009b. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/1787>. Acesso em: 12 maio 2022.
- AXT, Margarete. Mundo da vida e pesquisa em educação: ressonâncias, implicações replicações. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 46-54, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/view/9247>. Acesso em: 17 jul. 2023.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução: Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1986 [1929].
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992 [1979].
- BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: Unicamp, 1997. p. 91-104.
- BRYZZHEVA, Lyudmila. Superaddressee or who will succeed a mentor?. *Studies in Philosophy and Education*, v. 25, p. 227-243, 2006. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11217-005-3462-y>. Acesso em: 17 jul. 2022.
- CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993 [1991].
- CLOT, Yves. L'auto-confrontation croisée en analyse du travail: l'apport de la théorie bakhtinienne du dialogue. In: FILLIETTAZ; Laurent; BRONCKART, Jean-Paul (org.). *L'analyse des actions et des discours en situation de travail: concepts, méthodes et applications*. Bélgica: Peeters Publishers, 2005. p. 37-56.
- DEUSDARÁ, Bruno; ROCHA, Décio. *Análise Cartográfica do discurso: temas em construção*. Campinas: Mercado de Letras, 2021.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Tradução: Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987 [1984].
- FARMER, Frank. *Landmark essays on Bakhtin, rhetoric, and writing*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1997.
- FRIEDMAN, Maurice. Martin Buber and Mikhail Bakhtin: the dialogue of voices and the word that is spoken. *Religion & Literature*, v. 33, n. 3, p. 25-36, 2001. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40060095>. Acesso em: 17 jul. 2022.
- FREITAS, Luiz Carlos de. Anotações sobre a conjuntura e a política educacional. *Avaliação Educacional*, São Paulo, mar./abr. 2022. Disponível em: <https://avaliacaoeducacional.com/?s=Anota%C3%A7%C3%B5es+sobre+a+conjuntura>. Acesso em: 17 abr. 2022.
- FURLANETTO, Maria Marta. Hiperenunciador: o outro do supradestinatário?. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 12, n. 1, p. 325-345, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/HTySVr59sWYHxkRfGZTHx5h/?lang=pt>. Acesso em: 17 jul. 2022.

HOLLANDA, Yara Ribeiro de; LEITE, Francisco Gomes de Freitas. Petição inicial: uma análise à luz de teorias bakhtinianas. *Macabéa: Revista Eletrônica do Netlli*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, p. 292-308, 2020. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/download/2677/1927>. Acesso em: 1 maio 2022.

INNERARITY, Daniel. *El futuro y sus enemigos: una defensa de la esperanza política*. Barcelona: Paidós, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. Curitiba: Criar, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. Tradução: Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015 [2014].

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução: Freda Indursky. Campinas: Pontes, 1989 [1987].

MEY, Jacob L. *When voices clash: a study in literary pragmatics*. Berlim: Walter de Gruyter, 1999.

MIDGLEY, Warren; HENDERSON, Robyn; DANAHER, Patrick. Seeking superaddressees: research collaboration in a doctoral supervisory relationship. In: ARDEN, Catherine H. et al. *Sustaining and transforming collaborative research: principles and practices*. Tenerife: Post pressed, 2010. p. 87-103.

MOIRAND, Sophie. Les indices dialogiques de contextualisation dans la presse ordinaire. *Cahiers de Praxématique*, n. 33, p. 145-184, 1999. Disponível em: <https://journals.openedition.org/praxematique/1978>. Acesso em: 02 maio 2022.

MOIRAND, Sophie. Les mots d'autorité: quand les discours de la didactique se réfèrent à la linguistique. *DRLAV: Documentation et recherche en linguistique allemande vincennes*, Paris, n. 39, p. 51-66, 1988a.

MOIRAND, Sophie. Sobredestinatário. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 454-455.

MOIRAND, Sophie. *Une histoire de discours... Une analyse des discours de la revue le français dans le monde 1961-1981*. Paris: Hachette, 1988b.

PÊCHEUX, Michel. *Analyse Automatique du Discours*. Paris: Dunod, 1969.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: UNICAMP, 1988 [1975].

PONZIO, Augusto. Il dialogo con l'altro, "il mio eroe", in Michail Bachtin. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 50, p. 15-22, 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/23126/14065>. Acesso em: 17 jul. 2023.

ROCHA, Décio. Cenografias do trabalho docente de orientação em tempos de práticas mercantilistas: sobredestinatário e posicionamento discursivo. *Moara*, n. 38, p. 126-139, 2012. Disponível em: <http://novoperiodicos.ufpa.br/periodicos/index.php/moara/article/view/1275>. Acesso em: 18 jul. 2023.

ROCHA, Marisa Lopes; ROCHA, Décio. Produção de conhecimento, práticas mercantilistas e novos modos de subjetivação. *Psicologia e Sociedade*, v. 16, p. 13-36, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/VdDTR-mDBGF7ZN4N6qy7Brg/?lang=pt>. Acesso em: 17 jul. 2023.

SOBRAL, Adail. Gêneros discursivos, posição enunciativa e dilemas da transposição didática: novas reflexões. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 37-45, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/view/9246>. Acesso em: 17 jul. 2023.

UNAMUNO, Miguel de. *Del sentimiento trágico de la vida*. Madrid: Renacimiento, 1972 [1913].

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

---

## Denise Brasil Alvarenga Aguiar

Doutora em Letras (Literatura Comparada) pela Universidade Federal Fluminense (2006). Atualmente é professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, onde trabalha com pesquisa e prática educativa na formação de professores de Letras. Desde 2018, atua como orientadora do Programa de Residência Pedagógica (UFF), na área de Letras, com financiamento da CAPES.

---

## Décio Rocha

Professor titular de Linguística do Departamento de Estudos da Linguagem do Instituto de Letras (UERJ); professor Associado de Francês, aposentado, do Instituto de Aplicação (UERJ); é pesquisador em Análise do Discurso, em interlocução com os estudos foucaultianos e deleuzianos. É membro do GT-ANPOLL Discurso, Trabalho e Ética.

---

## Endereço para correspondência:

Décio Rocha

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Instituto de Letras

Rua São Francisco Xavier, 524, 11º andar, sala 11.111A

Maracanã, 20550-900

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Denise Brasil Alvarenga Aguiar

Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação

São Domingos, 242102-01

Niterói, RJ, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*